Anísio Mello

RITO SELVAGEM

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca - v. 2

Manaus - AM
2011

Rito Selvagem

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira 1.009
Cep 69010-120
Centro - Manaus - AM

ANÍSIO MELLO
Membro da Academia Amazonense de Letras

Rito Selvagem

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca – v. 2

Manaus – Am
2011

Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de Casa-Grande e Senzala e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentido da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só através da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das Academias de Letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!

Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as secretarias de Cultura do Estado e do município, por meio da *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

Ao assumir em agosto de 2003 a Cadeira de Gonçalves Dias, Anísio Mello suplicaria emocionado da tribuna acadêmica: "Queira Deus que minha missão nesta Casa seja próspera, produtiva e duradoura". Em abril de 2010 sua voz silenciava entre nós. A breve presença de Anísio na amável convivência acadêmica, no entanto, fora o coroamento de uma longa vida a serviço do Bem e da Beleza.

Ao editar "Rito Selvagem", justo quando transcorre um ano da morte do poeta, a Academia Amazonense de Letras exalta a sua contribuição ao Pensamento Amazônico, imortalizada através das letras e das cores que cultivou e poliu, precioso legado de uma existência próspera, produtiva e duradoura. Uma celebração à imortalidade!

José Braga
Presidente da Academia Amazonense de Letras

Sumário

Introdução

Há seis anos, seguramente, durante peregrinação pelos "sebos" de Fortaleza, CE, visitei, por indicação de "O Geraldão" (loja da 24 de Maio) a Livraria "Naza", da General Sampaio, 1.375, no Centro. Atendido por Simone, perguntei-lhe se havia no acervo da casa trabalhos sobre a Amazônia. Pensou, mexeu nas prateleiras, revirou pilhas e mais pilhas de livros e, afinal, com um sorriso de vitória, disse-me:

– Aqui está um!

Era um belo livro, encadernado, capa dura, cor verde, nome e gravuras em baixo-relevo. O título: Antologia ilustrada do folclore Brasileiro, série "Estórias e Lendas da Amazônia", II volume.

Consultei, rapidamente, o índice, encontrando: "A Origem do Solimões, Iara, Icamiabas, as Amazonas, Cobra-Grande, Boto, Jurupari, Cobra Norato (...)".

Sem pestanejar, perguntei:

– Quanto custa?

– Dez reais.

– Fico.

A obra, com mais de 300 páginas, fora editada pela Gráfica e Editora Edigraf S.A., São Paulo, sob a supervisão de Afonso Schmidt. Estava, já, na 2.ª edição. Continha o esclarecimento: "Seleção e introdução de Anísio Mello" (Só não referia a data da edição. Esses livreiros...).

Vibrei com a revelação que me a tornara mais cara.

Abebeirara-se o nosso Anísio, para organizar a Antologia, nos laureados escritores Álvaro Maia, Brandão de Amorim, Barbosa Rodrigues, Mário Ypiranga Monteiro, Gastão Cruls, Alberto Rangel, Câmara Cascudo, Euclides da Cunha, Dalcídio Jurandir, Oswaldo Orico, Afonso Arinos e em tantos outros, inclusive nas suas observações. Uma beleza!

E eu não conhecia a obra, embora já houvesse enveredado pelo caminho das lendas amazônicas, a partir de "Os deuses".

Esta lembrança decorre do honroso convite que me fez Anísio Mello para abrir o seu novo livro de poemas – Rito selvagem. E é pensando no amazonismo telúrico de Anísio e no seu lirismo inquietante a que alude o escritor amazônida, nascido em Portugal, Ferreira de Castro – "... gostei muito dos seus poemas. Gostei pelo que encerram de beleza e de inquietação espiritual e ainda pelas lembranças que me trouxeram da nossa Amazônia" – (Recado de 28.11.1959, vindo de Lisboa) – que abro, por pura condescendência do poeta, o seu mais recente volume de poemas. E o faço confessando, que estou diante de um escrínio de luz. Dentro, sei, há joias preciosas de elevado quilate, brilho próprio e cintilações perenes. Porque o artesão que o colocou é um esteta. Eleito das musas para produzir belezas, não se furtou ao formoso desígnio de seu horóscopo.

Anísio convive com a arte. É-lhe súdito de luxo e fiel escudeiro.

Artífice, garimpeiro devotado do labor mágico de polir talentos. É pintor. É músico. É poeta. É mestre.

Não estou só neste breve panegírico introdutório à arte desse cultor da formosura e da harmonia.

Dele já dissera Américo Antony (da Academia Amazonense de Letras):

"... Anísio encerra em si a trilogia da sensibilidade estética: é pintor, é músico e é poeta".

O imenso Álvaro Maia, também da AAL, a ele referindo-se, classificou-o de:

"esbanjador de coloridos".

Alencar e Silva, igualmente da Academia Amazonense de Letras, asseverou:

"na pintura ele patenteia poesia e da melhor (...)".

Mithridates Corrêa, do cenáculo das letras do Amazonas, brindou-o com esta frase lapidar:

"Os predestinados são assim, meu caro poeta! Não param senão com a morte, ou melhor, não param nunca, porque deles ficam sempre as sementes que espalharam pelo caminho".

Mendonça de Souza, do areópago caboclo, examinando-lhe a obra, afirmou:

"Sua poesia é inteiramente lírica. Surpreende, apaixona, enternece e perturba".

Agora abro o livro.

E o que leio?

Que o artista continua ébrio de amazonidade, cultivando sempre o telurismo dos primeiros tempos e o lirismo escachoante de Minhas vitórias-régias, Remanso e Lira nascente. E que, segundo a palavra abalizada de Aristhopano Antony (da AAL):

"...sua verve empolga e enleva a quantos o lêem e trazem consigo o caloroso culto da arte".

Rito selvagem é um autêntico florilégio, um buquê de sentimentos, um ramalhete de sensibilidades.

Haja sensibilidade!

Sensibilidade para interpretar os fenômenos da alma. Evocar os anseios humanos. E enflorar os delírios da juventude. E as emoções da maturidade.

O poeta é um ator que atravessa as idades e os tempos, na doce faina de cantar a beleza!

É um desprendido! Quase sempre esquece as próprias ilusões para traduzir as aspirações de todos. E o faz tangendo a lira. Por isso atinge as cordas do sentimento, no que tem de mais puro.

A esse canto melodioso e subjetivo chamam lirismo.

Anísio, disseram os seus críticos, é um lírico. E a constatação é simples: basta lê-lo:

... Do teu sorriso a flor desabrochava,

de joelhos, minh'alma, como escrava, curvou-se em prostração como em delírio (em "Doce Momento").

O poeta é um polivalente, compõe poesia com as mãos, quando pinta, e nos poemas que arquiteta, com harmoniosa cadência, vê-se-lhes as tintas da alma.

Em "Capítulos de Sonhos", compõe esta interessante alegoria:

O mar tem alma, eu sei
e muitas vezes vi
o encanto das ondas sobre as praias
a elevar-se nas cores do arco-íris (...).

No poema "Facho Luminoso" confessa:
... Sou eu, sim, sou eu,
campo relvado onde o passaredo
cantando em bando vai buscar a vida,
onde o néctar da luz sacode o vento
e perfuma os teus beijos (...).

O artista é lírico e telúrico. No poema "Enquanto o sol não vem" canta:

... o vento úmido que soprava das matas
trazia o aroma das copaibeiras
onde as cigarras se abrigam
e cantam, em uníssono, a voz do verão,
da terra, das águas e dos sonhos
as folhas caindo em aceno à vida
são vidas que findam e adubam a terra
para o viço da várzea que não morre nunca (...).

E, em "Celebração":

... e os cardumes em festa fazem seu trajeto
e brilham como estrelas.

O plâncton favorece a fauna aquática
E acaricia o leito do rio que o semeia (...).

E a escola? O saudoso filólogo, acadêmico Nonato Pinheiro (da AAL), estudando os trabalhos do autor de Rito Selvagem, depõe: "Anísio Mello é um poeta que não se escravizou a nenhuma escola. Possui versos brancos, poemas livres e sonetos metrificados e rimados. O poeta recomenda-se por qualidades eminentes, sentindo-se sempre em seus versos um sopro de quente inspiração".

Nada mais correto. Anísio é livre. Eis a definição mais precisa e oportuna. Vezes temos como amante do soneto, do que é exemplo "Soneto Colorido" (primeiro quarteto):

Talvez não saibas tu quanta poesia
é capaz de ofertar um só artista.
Se é pintor e poeta, que alegria,
Ter o dom de sentir o ser que avista
O céu, a terra, o mar que ele recria (...).

Com a mesma desenvoltura passeia pelo modernismo, como em "Emancipação":

... O amor é um pássaro,
alado e franco,
que amanhece em teus olhos
na revoada úmida das lágrimas.

Até o haicai o artista deu de cultivar. É mesmo um polivalente, o Anísio!

No brilho do Sol
o vento que encanta o azul
perde-se no ar.

Fecho o livro. Mas os olhos da memória continuam percorrendo as páginas do Rito Selvagem – um volume de elegantes poemas construídos por um artista que transpõe a imagética de seus sonhos para as telas. E para o papel as visões de seu mundo interior.

Manaus, Natal de 2006.

Almir Diniz
Da Academia Amazonense de Letras

Canção da tristeza

Quando fores comigo, amada minha,
a sorver do meu vinho como outrora,
o néctar do canto que hoje aflora
é canção da tristeza que caminha.

Lembranças foram muitas e eu tinha
uma paixão por ti e tenho agora
o fruto do que fui e que continha
naqueles tempos idos, tempo afora.

O presente de ontem que cantava
em vibrações de luz que me inspirava
era a volta ao passado, ao meu amor.

Nós éramos felizes e cantando
o tempo nos sorria e cortejando
tirava do meu peito a própria flor.

Manaus, 26.9.2006

Tremulinas de vento

Tece a manhã a luz clara do Sol
envolvida no beijo do otimismo
e cantando no azul lá no arrebol,
estrelas solfejar como atavismo.

Crescente é a luz que brilha qual farol
e acende a manhã fervida em lirismo
e procura no espaço um girassol,
que se embriaga de amor do romantismo.

Tece a manhã e canta a natureza,
como canta a alegria da grandeza
e ilumina o infinito num abraço.

O céu tisna de azul toda a alvorada
e reflete nas águas como espada,
tremulinas de vento pelo espaço.

Manaus, 26.9.2006

Soneto colorido

Talvez não saibas tu quanta poesia
é capaz de ofertar um só artista.
Se é pintor e poeta, que alegria,
ter o dom de sentir o ser que avista,

o céu, a terra, o mar que ele recria
na tela ou no papel, sempre otimista,
em função do seu dom que lhe irradia
uma alvorada azul – a sua conquista!

Ser pintor e poeta a um só momento
é sentir duplamente o sofrimento,
as dores deste mundo, a alegria.

É dizer com o pincel a cor da vida
e pintar em seus versos, colorida,
as auroras de luz de uma poesia.

Doce encanto

Chega o Verão, a mesma luz de outrora
traduz em canto um novo olhar astral
como se fosse a alegria de agora
numa oração feliz de amor real.

Suspira o vento e pelo mundo afora
o peito arfante é arpejo de cristal,
espaço e luz que sempre brilha e aflora,
cantando as cores como num vitral.

Como as cigarras o Verão surgia
e o céu bonito encheu-se de alegria
com passarinhos e seu brilho intenso.

Chega o Verão, oferta de poesia,
sabor de luz que enche de magia
meu doce encanto, sonho do que penso.

Manaus, 23.10.2006

O sopro do oboé

Ao poeta Sergio Luiz Pereira,
pelo livro Sopros do Oboé

O vento era cristal e sussurrava
ao sopro do oboé solto no espaço,
na transparência terna de um abraço,
brilhante como a lua que serenava.

Minh'alma de cristal Deus escutava
em vibrações serenas de um só traço
em versos inspirados que ora faço
no azul do firmamento em que eu voava.

O sopro musical do encantamento,
em alegres versões do pensamento
o oboé soluça – humana fala.

A névoa desce e ofusca o firmamento
e o cristal que se via – espaço e vento
é lembrança feliz que não se cala.

Manaus, 27.1.2005

Cavalgando estrela

Saí cantando pelo mundo afora,
em meu silêncio de alegria e dor,
a sensação de sonho que agora
sinto em meus olhos, traduzida em cor.

Ainda assim, sonhando com outrora,
acendo a luz desta alvorada em flor,
tendo em meus olhos novo dia que aflora,
a irradiar um novo sol de amor.

Ao te fitar no despertar do dia,
uma canção balbuciando eu lia
nos olhos teus sem ter como acendê-la.

E se ergo a voz e canto assim profundo,
é que em silêncio vou beijando o mundo,
erguendo os braços, cavalgando estrela.

Frenesi da vida

Abro meus braços cavalgando o dia
e no calor transpiro amor intenso
e vou buscar o beijo desta orgia
no frenesi da vida como penso.

E de tão leve o passaredo fia
cores de sonhos neste céu imenso
no roçagar das nuvens da alegria
que pelo espaço esparge o seu incenso.

Esta leveza inspira e reconforta
em vastidão de luz que em si comporta
em cavalgada, anseios de infinito.

Vagas estrelas, plenas de luar
joias perdidas soltas pelo ar
no encanto milenar que estava escrito.

Manaus, 30.11.2002

Fresta de luz

De uma fresta de luz um canto de cigarra
desliza em meu Verão e vem fazer a aurora
para luzir o dia e começar agora
a marca de quem canta em peito de guitarra.

E boêmia, semeia as notas da algazarra
na tarda luz e vai por este mundo afora.
E volteia e seduz com suas canções de outrora
do cantear volátil de terna fanfarra.

A cigarra cansada para de cantar
mas seu canto ficou no rastro de luar
que a noite esparramou no manto de nanquim.

Também cantei, um dia, para aliviar
as dores do meu peito e sem poder parar
levei o meu martírio, triste, sem ter fim.

Manaus, 11.8.2000

Semeando luzes

Ao poeta Sergio Luiz Pereira,
pelo prazer que me deu lendo seus versos

Li teus versos, de chofre, com certeza;
quanta coisa bonita em tua poesia!
as imagens refertas de beleza,
são gôndolas de luzes, de alegria.

Na gama de emoções, entre a tristeza
e prazeres do amor que se ilumina,
ninfas de prata alteiam-se em nobreza,
e num bailar de luzes refletia

o talento do bardo e seu tesouro,
coroando de flores – também louro,
os versos que plantaste em bom solo.

Segue teu rumo, vai, canta o destino,
qual Bocage e Camões, de gosto fino,
que espalharam seus versos como Éolo!

Manaus, 26.1.1991

Cantos do verão

As cigarras voltaram no Verão
e cantam no meu peito e vão embora
deixando nesta dor que sinto agora
um lamento de amor no coração.

O mesmo canto triste do perdão
da vida passageira, vida afora
floresce da tristeza a toda hora
semeando lembranças pelo chão.

Não cantes mais, cigarra cantadeira,
não quero mais ouvir a tarde inteira
teu pranto solitário sempre assim.

Para o soluço triste, para a vida,
o teu silêncio à hora da partida
é como um campanário mudo, em mim.

Manaus, 29.10.2002

Doce momento

Como a aurora, surgiste em minha vida
e teu clarão de luz estonteante
trouxe-me a paz, o amor e a guarida
dos braços teus, febris, naquele instante.

Foste uma flor do espaço ora colhida
nos versos que plantei e acrisolante
eu vi na Primavera malnascida
garimpando teus olhos qual brilhante.

Do teu sorriso a flor desabrochava,
de joelhos minh'alma como escrava,
curvou-se em prostração como em delírio.

Doce momento o meu, pois em teus braços
pousei em ti meus olhos que inda baços,
procuravam tua luz no meu martírio.

Manaus, 18.9.2003

Fanal

Meu alazão de luzes se vestia
e trotava e trotava em magistral
eflúvio de luar da sua magia
no espaço das estrelas, sideral.

Passava pelo azul e evanescia
no seu rastro uma névoa, festival
de milenares astros que recria
a loucura sem fim do seu fanal.

Há momentos na vida que nas plagas
as luzes dos caminhos só são chagas
onde percorre toda a humanidade.

Na tristeza sem luzes quando passa
também meu alazão perde sua graça
no eflúvio do luar da sua vaidade.

Manaus, 12.9.2000

Pétalas de estrelas

Cuida de mim, meu corpo frágil em desconforto
enfrentou frio em tempestade e mil procelas
e qual galera ancora lento neste porto
e pelas ondas vai no embalo das suas velas.

Cuida de mim, que solitário e absorto
olho o infinito, não há nuvens como aquelas
que caminhavam pelo céu por sobre o horto
de violáceas flores, pétalas de estrelas.

Joga teu manto purpurino ou de esmeralda
e da natura como um brilho de grinalda
abre teus braços pelo amparo deste amigo.

Olho o infinito e meu olhar tristonho e manso
quedo em teus olhos que de olhar jamais me canso
e flutuando vou viver sempre contigo.

Manaus, 19.5.2000

Caixa de Pandora

Se é anjo, és flor, meu querubim querido,
e teu encanto é vibração que aflora,
pois quando pensa, meu viver dorido
é ritornelo e vai voltando agora.

O tempo passa, e o coração ferido
é como triste caixa de Pandora:
notas voláteis de cristal partido
que vibra, canta e soluçando chora.

Eu tive um anjo, era só meu o encanto
e a sina quis e o sequestrou no entanto,
deixando em chama o coração dos seus.

Hoje recordo o meu carinho e em pranto
tento esquecer o que sofri e canto
porque meu anjo foi morar com Deus.

Manaus, 9.9.2002

O retorno

Ao meu discípulo de arte e amigo Said Iamut

Eis que chega o artista, e vem garboso
à sua faina encantada, amando a forma,
no lúdico prazer para seu gozo
que teve pela vida como norma.

O papel esboçado em tom zeloso
traz nuanças antigas e conforma
o espírito feliz e fervoroso
do artista singular que a si contorna.

Eis que tudo renasce em harmonia
como o bailar da vida e a alegria
que brotam do prazer de ser artista.

E o criador caminha pelo mundo
e tudo se transforma num segundo
ao toque do pincel de um alquimista.

Manaus, Jan. – 2003

Amor em fantasia

Em teu coxim dourado repousei um dia
e o perfume da flor de luz também dourava
o claro do luar que a névoa refletia
e o suspiro que aflui da flor que serenava.

Vi teu corpo em delírio, amor em fantasia,
era o êxtase do gozo, o mundo se acordava
para ver o luar, a luz da sua magia
num toque de condão que lá no céu estava.

O mundo do teu leito em turbilhão ainda
girava no fulgor e do teu corpo infinda
era a ânsia do prazer em festa de delírio.

A noite ia chegando e tudo novamente
em trêmulo gorjeio a vida era semente
do amor tão puro e lindo qual nascer de um lírio.

Manaus, 23.5.2000

Cerne

Não me queiras assim:
se do ódio faço o amor,
se da palavra faço a vida,
esqueço de tudo, esqueço,
a manhã colorida,
o teu cerne, tudo,
mas não esqueço
a manhã dos olhos teus
e a nova vida que fazemos.

Manaus, 19.6.1993

Celebração

Ergo meus braços rumo ao infinito
e este canto de amor que brilha no horizonte
encandece de luz a festa da manhã.
O calendário célebre é como um barco sem destino
à deriva do tempo e da vida.
Perco o timão da galé dos prazeres
e meu farnel de luz espalha-se cantando
no mar, na selva e nos rios.
É o ritual que embala minha celebração
Na trilha indefinida.

Amo o silêncio e neste devaneio coruscante
celebro a alma e meus desejos encantados.

Raia um novo tempo e nele a alegria
de ver a luz brilhar nos olhos das crianças
como cirandas festivas da inocência.
Já não se destroem florestas, nem rios,
e os cardumes em festa fazem seu trajeto
e brilham como estrelas.

O plâncton favorece a fauna aquática
e acaricia o leito do rio que o semeia.

Tudo é luz no infinito natural,
tudo é natural no infinito portentoso
e nós que contemplamos a rosa e seu perfume
somos parte de tudo neste chão que agasalha
a flor e o fruto com o mesmo carinho
do dia em que fomos gerados
para plantar e colher o perfume da vida
e beijar o infinito com a alegria de sempre
e os prazeres do mundo.

Manaus, 1.º.1.2003

Intra Murus

Do cerne deste amor
palpita com loucura
um coração que a flama
incandeia os anseios
da calma contida.

Vem de dentro o calor
como aurora em delírio
a espargir brilho pelo céu.

Somos carne em loucura
na loucura da loucura
e caminhamos em silêncio
neste paraíso entre paredes.

Manaus, 2002

Meu pôr do sol

Não me firas assim
com tua lâmina de fogo
em cimitarra, meu pôr do sol.

Não precisas dançar
com tuas ondas flutuantes
nem ascender as luzes do reflexo.

Não me queimes os olhos,
meu pôr do sol,
quero ver a paisagem encantada
da beleza do poente.

Manaus, Ago. – 2000

Sarabanda

Nascia o vento. Era manhã.
Sobre as águas chapinhava a brisa branda
na carícia suave da sua transparência.
O rio luzia as ondas como se fossem pérolas
de um joalheiro afortunado e feliz.

Os peixes com suas escamas reluzentes
em sarabandas caboclas ensinavam as águas
e as ondas em marulhos apenas dançavam
com a lição aprendida dos reflexos antigos
e a calmaria em silêncio ninava o vento
vestia o manto negro da noite e serenava
na maciez do afago das estrelas.

O céu bordava-se no espaço em lantejoulas de prata.
Os pássaros aninhavam-se com os raios da lua em núpcias de
púrpuras e gozos.

Manaus, 4.10.2002

Espectro da vida

Para Alcides Werk, em memória

Como a luz solitária os devaneios
são árvores floridas, diz o vento,
colorindo a campina nos gorjeios
da revoada azul do pensamento.

São cristais, esmeraldas, encandeios
do brilho astral da festa do momento
em que nasce o Verão trazendo aos seios
o calor desta vida em doce alento.

Como a luz do Verão também existe
a inspiração do bardo e ela consiste
na crença de viver e de amar.

Mas a fatalidade nos assiste
qual vendaval de sonho às vezes triste,
no espectro da vida pelo ar.

Manaus, 13.11.2003

Violões Vadios

A Lua rastreava estrelas pelo azul.
Seu reflexo desenhava florestas
e aves em bandos eram silhuetas
na dança cristalina do luar.

Ouvia-se o eco das serenatas
de boêmios sonhadores
no arpejo de divinas paixões
de violões vadios.

Os astros testemunhavam
os soluços de amores infindos.

O Sol cortejava a manhã que nascia
no tapete verde dos jardins
onde boêmios soluçavam suas paixões.

Manaus, 20/7/2006

Luaredo Azul

O nada navegava o não ser
à espera do dia que aos poucos acordava
e a manhã nascia branda
com o chilrear dos pássaros canoros.

E rendilhado e cantando
o sol nascia com um tiquinho de luz
acordando a relva serenada e tranquila.

Aos poucos a brisa pelo espaço
abraçava a manhã e despedia-se
do luaredo azul de lâminas de ventos.

Manaus, 26/4/2006

Transparência

Eu era fantasia
e minhas mãos flutuavam no espaço
indicando estrelas
na minha transparência.

Os astros com a fragrância das flores,
como essência divina inebriantes,
vagavam no delírio como anjos perdidos.

E eu, na minha translucência,
quedava sem luz e amorfo
à procura de milagres
como o maná de luz tão esperado.

Flui a manhã desesperadamente,
cantando em névoas do seu encantamento,
o capricho do não ser da fantasia iluminada.

A Terra enchia-se de clarões abruptos,
e se espraia no verde e abraça a clorofila,
dissolve a fantasia
e a minha transparência.

Manaus, 8/4/2006

Prata Vadia

As luzes prateiam a madrugada
e escrevem no infinito palavras cristalizadas
de benfazejo luar na prata vadia.
Lembranças se mesclam aos prazeres
de luas, luares, sóis, bobagens, etc.
A madrugada sovina de prazeres
canta a solidão da noite arredia.

Mas as luzes prateiam a madrugada
e caminham na minha estrada de luz,
onde as estrelas se apagam
no adeus das tristes madrugadas.

Manaus, 14/4/2006

Sonho Roubado

Sempre sonhei contigo
que me roubava por castigo
o amor que trago no meu peito,
pois teus olhos são de céu,
tua boca de carmim,
teu sorriso de cristal,
sorrindo para mim.

Devolve meus sonhos lindos
que um dia me roubaste
com egoísmo sem fim,
me deixando triste assim.

Manaus, 12/12/2005

Canção do Além-mar

Permita-me estes versos passageiros,
pois trago no meu peito o amor profundo.
olhando a tradição muito distante,
maior que o oceano, do que o mundo,
como a saudade imensurável de um amante.

Os ares lusitanos viram lenda,
pátrias irmãs: Brasil e Portugal,
nasceram do amor e sempre juntas
caminham inspiradas por Cabral.

Pátria do amor, do além-mar, das caravelas,
fizeram destas notas tão singelas,
o fado que se canta em madrigal.

Manaus, 10/1/2006

Prece

Vieste com Tua luz
e me abraçaste inteiro,
e Teu perfume como incenso,
abençoou o ar e as luzes
e me isentaste dos pecados.

E eu, pecador, cansado de perdões,
imploro por mais um, e peço-Te vênia
e por Tua graça o carinho
que não sei se mereço
nas horas de aflição
por ter pecado tanto.

Oh! Deus, não Te mereço,
perdoa-me e dá Tua luz
no meu caminho.

Manaus, 8/1/2006

Sonhos e Vícios

Abro a janela.
A rua mal calçada de passos anônimos
se enche de tristeza.
Arrulham nas cimalhas e beirais
os pombos da Matriz,
ou revoam em bandos pelos meandros
abandonados de desenhos antigos,
que lembram ondas de meu rio.
As crianças abandonadas riem felizes,
como se a felicidade fosse pássaros em bando.
Além, amigos seus sonhavam ser felizes
como os pombos abstratos das suas loucuras.
As calçadas não sonham como nós,
que amamos e sentimos
o futuro desfeito das crianças
que flutuam no negro da noite
em evoluções de sonho e de vícios.

Manaus, 21/11/1992

Enquanto o sol não vem

O céu plúmbeo prenunciava chuva
e os pássaros recolhiam-se aos ninhos
para abrigar seus frutos.
O vento úmido que soprava das matas
trazia o aroma das copaibeiras
onde as cigarras se abrigam
e cantam em uníssono a voz do Verão
da terra das águas e dos sonhos.

É o Amazonas cantando na floresta
o sol e a chuva em casamento de viúva.
É a terra que se abre de perfumes
com o mururé os lagos colorindo
em sorriso de incenso que sorrindo
abraça em teias aguardando as águas
que vão chegando agora em gotas cristalinas.

O céu plúmbeo sopra ventos de cristal e neve
e os prazeres se escondem entre a galhada
e gemem os casais de pássaros vadios
para a proliferação da vida da floresta.

As folhas caindo em acenos à vida
são vidas que findam e adubam a terra

para o viço da várzea que não morre nunca
e acende o luzeiro de anos que virão
com a prosperidade do húmus da renovação.

Os pássaros são frutos da renovação
E cantam na chuva enquanto o sol não vem.

Manaus, 3/12/1996

Emancipação

Afogo-me no calar dos teus braços
como se fosse amor ardente e puro
o sonho que não tive.

Os pássaros sobrevoam cascatas
e enfeitam como guirlandas vivas
o hálito da terra.
o amor é um pássaro, alado e franco,
que amanhece em teus olhos
na revoada úmida das lágrimas.

Ah, se o amor voltasse!
As cantigas, por certo,
retornariam risonhas
e em meu peito pousariam
os pássaros sem ninho
e emancipariam a verdade
destes versos...

Manaus, 30/11/1994

Sem Título

Teus olhos de madrugada,
teu sorriso como estrelas,
teus lábios cor da saudade
e tuas mãos de princesa,

são acenos de desejos
em uma noite estrelada,
como ventos frios e brisas
para meu corpo de espera.

Tua morenice é luar,
e teu corpo e tua fala
são atributos das musas
em seu perfume que exala.

Cheia de graça esta musa
não precisa de nascer,
pois quem nasce assim dourada
vive sempre a florescer.

Manaus, 8/5/1990

O pé de milho

Ao amigo Otelo, com um abraço

Um grão de milho perdeu-se no asfalto
e se refugiou no meio-fio
para germinar e florescer.
Os pombos assustados – asas de vento
observam o nascer das folhas verdes
e o pendão de ouro que se oferta
aos ventos de cantares de poetas.

O pendão abre-se em flores
e a praça da Saudade e sua memória
vibram em cantos verdejantes
e o pé de milho cresce, vive
e aparece...
e diz aos pombos do Otelo:
– Aqui estou!...

Palmas e vivas são ouvidas
ecoando na praça
em vibrações de asas furtacores
pelo evento do verde que renasce!

Manaus, 15/5/1985

O Canto do Vento

O caminho percorria aos meus pés
deslizando ao luar azul da madrugada.
As folhas secas chilreavam
como pássaros sonolentos sopradas pelo vento,
enquanto o azul silente acariciava os ninhos
de penas esvoaçantes da procriação.
As águas cristalinas dos regaços
tremulavam os reflexos da Lua
enquanto o vento cantava de mansinho
o delírio de canções eternas.

As folhas antigas dançavam com a brisa
a eternidade do sopro rasteiro
da sururina encantada de todas as madrugadas.

Manaus, 1.º/8/2006

Perfumes de Sonho

Parto de gloriosa luta contínua
no campo da vida.
As emoções crepitam
no fogo da existência
com o meneio do corpo e da luz
da sensação da vertigem do gozo.

A luta continua e corre e avança
como um dardo festivo ao infinito
e nos leva ao além amaro e doce.
A glória, perfume do sonho,
navega no espaço
e abraça a vida de quem a procura.

A glória efêmera canta
como um sonho encantado
e se dilui na canção do nunca mais.

Manaus, 12/8/2006

Capítulos de Sonhos

O mar tem alma, eu sei,
e muitas vezes vi
o encanto das ondas sobre as praias
a elevar-se nas cores do arco-íris.
O mar tem alma, eu sei,
a repartir-se
num gesto de amora
como um capítulo de sonho.

Eu também, como o mar,
quis dividir-me.
Procurei pelas praias o aconchego,
o carinho, o amor,
na maciez das águas cálidas,
onde arrecifes desviam-se das ondas
e as espumas são estrelas no meu leito
e são almas do mar,
capítulos de sonhos.

Amanda

A luz do dia em teus olhos
transpiram o amor dos que te querem.

Os dias passam na vida
e te amam, Amanda,
como o Sol ama o dia
e as estrelas da noite
amam a madrugada.

Amanda é o dia que floresce
e sorri como os anjos
e brilha nos teus olhos,
e canta como as flores
que suspiram e renascem
e começam a florescer
no claro de todos os dias.

Manaus, 7/9/2006

Brisa Vadia

Era a brisa vadia da Primavera
que beijava as folhas verdes
da roseira que enfeitava o jardim.

As pétalas da rosa-cor-de-rosa
lançavam-se na relva
para um beijo de amor
abençoar a natureza.

A brisa vadia
visitava diariamente
o mesmo jardim,
a mesma roseira,
e o encanto
da rosa-cor-de-rosa

Manaus, 16/9/2007

Facho Luminoso

Passaste e perguntaste: és tu?
eu respondi que sim.
O mesmo que te amou e te sentiu,
e penetrou em teu cerne colorido,
como um sol maturado como um fruto.
Sou eu, sim, sou eu,
campo relvado onde o passaredo
cantando em bando vai buscar a vida,
onde o néctar da luz sacode o vento
e perfuma os teus beijos
no sândalo em essência desta vida.
Sou o refúgio a procurar refúgio
nos teus braços de seda, como um deus!
Como um pássaro doirado que não voa mais
e pousado no ninho vai dizendo sempre,
que viveu e sonhou,
que viveu e amou,
porque o lume da vida entregaste
nos beijos que me deste, trêmulos, nervosos,
como quem rouba da luz em facho luminoso
e encandece a manhã no brilho dos teus olhos.

Registro

Ao amigo Arthur Engrácio, em memória

Era ali, companheiro, que o passado
registrou no livro da memória
o local dos encontros e dos sonhos.
A pedra calcetada de arenito em sangue
tinha em nós o rubor das glórias do porvir,
que o capim afastava para conquistar
como nós, também, o seu lugar ao sol.
Mas o tempo passou, e não faz muito,
o asfalto negro, infame,
escorreu por sobre o verde
e ocultou para sempre a lápide vermelha
do sangue arrancado à força de explosões
e embora assim, coberto, oculto, humilhado,
deixa vestígios das imperfeições
da mão que ordena o vil desmando.
É assim, embora, o verde ainda apareça
escondido, rasteiro, aproveitando o sol
que foi buscá-lo mansamente
na fresta que sobrou do chão antigo,
somos nós, sobreviventes de tudo,
que tragédia:

erguemos a fronte, altivos, quase em guerra,
e marchamos juntos, mil pernas, um só passo,
nada escapou aos nossos olhos cansados,
mas vencemos a luta, aqui estamos,
pobres de bens, por nossas mãos pequenas,
mas que fortuna imensa amealhamos
pelas sementes verdes que plantamos
na pequena fresta que sobrou
do chão crestado de um asfalto bruto,
pois somos a relva, o verde da esperança,
o capim,
e aqui estamos.

Olho-dágua

Saí pelo mato
– mato adentro.
No escuro das folhas
escorria um olho-d'água,
e como lágrimas, acariciando a gleba
olhava para mim...

Hai Kais

Teus olhos nos meus:
Afogo-me no mar azul
sem queixas de amor.

Teu olhar antigo
de porcelana chinesa
faz o sol brilhar.

Brilha a madrugada
o olhar azul encanta
a trilha da vida.

No brilho do sol
o vento que encanta o azul
perde-se no ar.

Canta o verde, a selva
e reflete a vida que embala
o azul da manhã.

Manaus, 20/7/2006

Palavras sem destino

Estava solta no espaço – ela
era um pássaro perdido que flutuava
na bubuia dos tempos,
sem cor, sem alma, sem luz,
sem fantasia.

Assim ficou inerte, sem palavra,
no silêncio das horas.
Só o perfume encantava o mundo
e inebriava o sonho do não ser.

A estrada sem fim, inexistente,
vestia curvas de sinuosas perdidas
no canto milenar do infinito,
safra de vento, cítara de Éolo,
evaporando luar e liberdade.

Manaus, Fev. – 2006

Acendendo estrelas

O céu, ribalta da vida
acendia as estrelas do cenário,
e eu caminhava tonto,
aturdido pelas razões dos dias,
como folha solta do Verão
acenando no espaço
o adeus das almas mortas.

O céu revelava o Sol,
que por chegar,
acariciava o Verão
derramando no solo
o ouro do tapete divino e manso.
A relva pintava o verde
da clorofila que se espalhava
no chão abençoado.

Manaus, 12.6.2008

Os Olhos dos Querubins

Os anjos não voam mais,
não pousam nas nuvens;
o espaço é livre e azul
como os olhos dos querubins.

Mas mesmo assim,
cantam em coro
e sopram suas trompas
no encanto das horas
da alegria dos que não podem cantar.

Manaus, 12/6/2008

Considerações sobre o autor

"... gostei muito dos seus poemas. Gostei pelo que encerram de beleza e de inquietação espiritual e ainda pelas lembranças que me trouxeram da nossa Amazônia".

Lisboa, 28 de novembro de 1959.
FERREIRA DE CASTRO
Escritor e jornalista

"Pureza da linguagem e sobriedade são as dominantes virtudes de sua produção".

Prof. ANTÔNIO RAVANELLI e HERMÍNIO DE CAMPOS MELLO,
In: Iniciação ao estudo da Língua Portuguesa, São Paulo

"A simplicidade de seus versos impressiona. Tem a marca do lirismo acadêmico e a grandeza da imensidão amazônica onde nasceu. Daí a imensa facilidade de Anísio Mello rendilhar versos onde canta sua admiração profunda à natureza agreste, violenta, enorme da 'sua' verdelândia Amazonas. Sincero e espontâneo, transmite as gamas de seus sentimentos a cada frase, enriquecendo sobremaneira suas produções, e produzindo expressivo movimento de aproximação entre paulistas e amazonenses".

JAIRO CÉSAR DE SIQUEIRA
Professor, da Sociedade Geográfica Brasileira, São Paulo

"... Anísio Mello encerra em si a trilogia da sensibilidade estética: é pintor, é músico e é poeta. Só isto afirma indubitavelmente a esperança da flor que começa de nascer".

AMÉRICO ANTONY
Da Academia Amazonense de Letras

"Anísio Mello é um poeta que não se escravizou a nenhuma escola. Possui versos brancos, poemas livres e sonetos metrificados e rimados. O poeta recomenda-se por qualidades eminentes, sentindo-se sempre em seus versos um sopro de quente inspiração".

"Não conheço outro amazonense que tenha divulgado tanto, fora do Estado, sua terra e sua gente, o mundo amazônico e seus expoentes. Sua bibliografia é opulenta e da melhor valia. Intelectual de nobre estirpe, observador de rara acuidade, tem em mãos todos os trunfos para estudos profundos e pesquisas beneditinas".

Pe. NONATO PINHEIRO
Da Academia Amazonense de Letras

"Espero que tenhas um grande êxito no teu empreendimento literário, numa época em que a mediocracia se empoleirou nos mirantes do Brasil e não permite o triunfo dos legítimos talentos".

RAMAYANA DE CHEVALIER
Da Academia Amazonense de Letras

"Entre Lira Nascente (1950) e Festa Geral, impõe-se naturalmente uma constatação: a de que se manteve como que inalterada a visão poética do autor, refletida na fidelidade às fontes de sua inspiração

e aos temas de sua predileção: uma Amazônia caleidoscópica, onde lenda e realidade plasmam o seu universo poético".

ALENCAR E SILVA
Da Academia Amazonense de Letras

"Na pintura, ele patenteia poesia e da melhor"... "E na Poesia, ele trai o pintor quando, entre outros versos de realce, escreve: 'O Salto do Barranco', 'O Crepúsculo' e alguns outros. Como se deve notar, para o autor de Minhas Vitórias-Régias, o manuseio da paleta e da lira é-lhe função corriqueira".

LUIZ DE CASTRO
Em "A Crítica", Manaus, 13.10.1952

"... um esbanjador de coloridos, Anísio Mello, pintor e poeta, jornalista e conhecedor dos problemas do Amazonas".

ÁLVARO MAIA
Da Academia Amazonense de Letras

"Das suas conquistas literárias, no ramo da poesia lírica, tinha eu notícias frequentes, pois antes de partir de sua terra natal, editou um livro de versos sempre bem medidos e muitos bem inspirados, assegurando-lhe a nomeada de aedo".

ARISTOPHANO ANTONY
Da Academia Amazonense de Letras

"Anísio Mello, a quem carinhosamente chamo meu patrão, é o artista mais versátil que conheço: escultor, pintor, inventor, músico (compositor), poeta, arquiteto, heraldista, filatelista, numismata, empresário, jornalista, educador, folclorista, estudioso da língua tupi, etc.; subitamente tomou contato com a arte de Bashô, tornando-se um haijin (mais um título para a sua coleção curricular).

Disso resultaram os 126 haikais desta sua coletânea magicamente intitulada Kaleidoscópio. Costumo dizer que Anísio, numa outra encarnação, nasceu na Itália, no século 15, na pequena aldeia de Vince e chamou-se Leonardo.

Olhem bem para ele!

Os coloridos haikais deste esplendente Kaleidoscópio atestam bem a genialidade criativa do poeta.

E, para terminar esta despretensiosa apresentação, dedico-lhe este haicai à maneira de Guilherme de Almeida:

Kaleidoscópio

Fragmentos surreais
De cor na mente do autor
Vão formando haikais.

LUIZ BACELLAR
Da Academia Amazonense de Letras

"Ninguém de sã consciência poderá desta maneira negar a Anísio Mello as qualidades de um poeta cuja verve empolga e enleva a quantos o leem e trazem consigo o caloroso culto da arte".

ANTÔNIO CRUZ NETO
Professor

"Sua poesia é inteiramente lírica. Surpreende, apaixona, enternece e perturba".

MENDONÇA DE SOUZA
Da Academia Amazonense de Letras

"Anísio Mello já é um poeta consagrado na sua terra natal, pois que muito contribui para o incentivo da cultura na colossal Amazônia. E, além das fronteiras de seu Estado, Anísio Mello alcança renome, estima e admiração por todo aquele que lê seus livros".

WANDA DE ALMEIDA PRADO
Jornalista, São Paulo

"Escreveu este primeiro livro na adolescência da vida. Mas há neste livro, muita beleza singela dos poetas que passaram, e que deixaram na alma nacional, o mundo extraordinário de emoções em que vivemos".

ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO
Da Academia Amazonense de Letras

"E, se afirmarmos que teu livro é um toque de inúbia para as letras amazonenses, é porque nele estão todo o mistério e toda a beleza da nossa grande terra".

JOSÉ DE ALENCAR E SILVA
Jornalista, Rio, 5.9.1950

"Poeta nato, artista na expressão mais ampla da palavra, sensibilidade pródiga da arte, Anísio já possui volumosa bagagem literária em prosa e verso. Sem citarmos as obras produzidas em seu Estado natal – o Amazonas, mencionaremos Remanso que contém verdadeiras pérolas em matéria de poesia, dignas de figurarem em nossas melhores antologias".

VICENTE DE OLIVEIRA E SILVA
Jornalista. In "Folha Bancária", São Paulo, 1962

"De Anísio Mello, no Amazonas, não se precisa dizer muito. Pertence à geração moderna, vibrante, que tem produzido poetas, escritores, governadores, magistrados, professores, senadores e artistas. É o poeta nostálgico da terra, da planície amazônica, das águas do rio-mar".

WALDEMAR BATISTA DE SALLES
Da Academia Amazonense de Letras

"É ativo, e consegue aproveitar bem o tempo que lhe sobra de outras atividades, quer no campo empresarial, quer na seara literária, onde participa com trinta livros escritos, de poesia, crítica literária, conto e folclore. Anísio Mello figura em muitas antologias literárias e é matéria de livro didático em São Paulo".

L. C. TIBIRIÇÁ
Professor, da União Brasileira de Escritores, São Paulo

"Os predestinados são assim, meu caro poeta. Não param senão com a morte, ou melhor, não param nunca, porque deles ficam sempre as sementes que espalham pelo caminho".

MITHRIDATES CORRÊA
Da Academia Amazonense de Letras

"Homem dos sete instrumentos, como bem se poderia chamá-lo, Anísio Mello é, artisticamente, de uma versatilidade exemplar. Pintor, escultor, poeta, crítico, músico, contista, folclorista e ainda, para completar a lista, jornalista e inventor.

Essas atividades todas, como não poderia deixar de ser – acreditamos –, vinham prejudicando o poeta, que hoje começa a libertar-se e trilha, para regojizo dos seus leitores, o seu verdadeiro caminho, – a literatura".

ARTHUR ENGRÁCIO
Do Clube da Madrugada

"Tudo parece renascer nestas páginas de Sexagésima S tella: o amor, o sonho, a canção, a estrela, enfim, que volta a iluminar, com a intensidade maior de quem teme perder o brilho, os novos caminhos do autor.

Ao ler estes poemas de renascimento existencial e romântico do velho amigo de muitas serestas e madrugadas, chego a compreender, de uma vez por todas que ele, ao contrário de Machado de Assis, não deixa subir para o cérebro o que acha ser um privilégio do coração.

Assim é, e assim devemos aceitar a poesia de Anísio Mello, artista polivalente, e sincero e afetivo em todos os momentos da vida, um desses homens visitados pela graça momentânea da fortuna".

JORGE TUFIC
Da Academia Amazonense de Letras

Biografia do autor

ANÍSIO MELLO

Anísio Thaumaturgo Soriano de *Mello* nasceu em 1927, em Itacoatiara (AM), quando seu pai, Dr. Octaviano Mello, atuava na magistratura local. A mãe, Ester Mello, era artista plástica. No ano seguinte, quando a família viajava para Urucurituba (AM), onde o pai exerceria as funções judicantes, sofre um naufrágio a poucas "praias" do município. Mas, todos foram salvos pelo pai e pelos remadores do batelão.

Apenas em 1933, devido as frequentes viagens do pai, Anísio chega a Manaus para estudar. Inicia o curso primário em 1940, o ginasial em 1945 e o clássico em 1948. No andamento dos cursos, estudou artes com sua mãe, diretora da Escola de Artes "Cristo Redentor". Assim, em 1947 promoveu sua primeira exposição individual, na União dos Estudantes do Amazonas. Ao concluir o ensino secundário, em 1950, publica seu primeiro livro de poesia – *Lira Nascente*.

Anísio Mello herdou dos pais a vocação pelas letras e pelas artes. "É pintor, é músico e é poeta", na afortunada acepção do poeta Américo Antony. Sua competência permitiu que participasse de várias exposições nacionais e internacionais, conquistan-

do láureas. Ao mesmo tempo, publicou alguns livros versando sobre poesia, crítica literária, ensaio, folclore, linguística etc. Deixou inédito respeitável número de livros, três dos quais serão lançados para lembrar o primeiro ano de seu falecimento.

Com a esposa, desembarcou em São Paulo no IV centenário da cidade. Inicia proveitosa fase paulista de sua vida. Em junho, ingressou no Banco de Crédito da Amazônia (hoje Basa), concursado. Participou de exposições e editou seus livros. Mais importante, fundou e dirigiu o jornal quinzenal *Correio do Norte*, (1958-1965), divulgador da Amazônia no Sul do País. Além desse, a *Folha Bancária*. Recebeu prêmios em exposições e dois filhos. Enfim, bacharelou-se em Filosofia na Faculdade Anchieta, em 1972.

Ao deixar a capital paulista, em 1981, preferiu investir em Eirunepé (AM), onde pintou três grandes painéis nas igrejas da cidade. Já fixado em Manaus, dirige o Liceu de Artes *Ester Mello*, o segundo fundado no Brasil, extinto com sua morte. E seguiu repetindo as iniciativas promovidas em São Paulo: editou jornais, fundou associações, presidiu conselhos e agremiações e recebeu amigos e alunos para se divertir e ensinar.

Em 1989 recebeu o *Prêmio Governo do Estado*, especial, pelo conjunto de suas obras. Finalmente, por aclamação, a Academia Amazonense de Letras o proclamou merecedor da Cadeira azul nº 3, do patrono Gonçalves Dias, a ela se dedicou desde agosto de 2003.

A folha caindo
carregada pelo vento:
último momento.

Anísio Mello morreu em 11 de abril de 2010.